

O Pós-colonial a partir de Stuart Hall, Ella Shohat e Chinua Achebe.

António Alone Maia¹

Resumo: O objetivo Geral deste trabalho é falar sobre a noção de pós-colonial. Especificamente, iremos falar sobre a noção de pós-colonial em Stuart Hall e Ella Shohat. Stuart Hall, no seu texto interrogativo, intitulado “*Quando foi o Pós-Colonial? Pensando no limite*” dialoga diretamente com Ella Shohat, ponto esse que faz com que os dois textos sejam complementares. O termo pós-colonial coloca muitas ambiguidades teóricas de espaço e tempo e do outro lado uma ambiguidade política. Quando realmente começa, em termos cronológicos o período pós-colonial? Em termos de espaço, qual é o País privilegiado onde teria começado o pós-colonial? São indagações que os autores estão levantando. Metodologicamente fizemos um recorte que perfaz uma tríade. Por isso, iremos tratar das noções de Pós-colonial a partir do texto de Hall e Shohat em conexão com a obra de Chinua Achebe, *o Mundo se despedaça*.

Palavras-chave: pós-colonial; ideologia; Terceiro Mundo.

Abstract: The general aim of this article is to talk about the notion of post-colonial. Specifically we will talk about the notion of post-colonial in Stuart Hall and Ella Shohat. Stuart Hall, in his interrogative text “when was the post-colonial? Thinking on the limit” dialogues directly with Ella Shohat, a point which makes the two texts to be complementary. The term post-colonial brings a lot of theoretical ambiguities of space and time and on the other hand a political ambiguity. Chronologically, when really starts the post-colonial period? In terms of space, which is the privileged country where post-colonial started? These are questions summoned up by the authors. Methodologically we made a cut which does a triade. So, we will talk about the notions of Post-colonial from Hall and Shohat text in connection with Things Fall Apart of Chinua Achebe.

Key words: Post-colonial; ideology; Third World.

BREVE APRESENTAÇÃO DA TRÍADE

Stuart Hall

Nasceu em 1932, na Jamaica e faleceu em 2014. Foi filho de uma família de classe media alta, tendo adquirido na sua juventude, “a consciência da contradição da cultura colonial, de como a gente sobrevive à experiencia da dependência colonial, de classe e cor, e de como isso pode

¹ Doutor em Antropologia Social USP-PPGAS, pesquisador do Cerne - USP (Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras).

destruir você subjetivamente” (SOVIK, 2002, p. 10). Há um dado fundamental que ajuda a compreender o lugar a partir do qual o autor fala.

o movimento pela independência da Jamaica fez parte do ambiente em que ele cresceu, ao passo que, a Segunda Guerra Mundial foi fundamental ao suscitar nele, estudante secundarista, uma consciência histórica e geográfica como contexto das preocupações anticoloniais de sua geração. Enquanto seus colegas pretendiam estudar economia, ele se interessou mais pela história e sonhou em ser escritor (SOVIK, 2002, p.10, apud, HALL, 2011).

Apesar de ser de nacionalidade jamaicana, Stuart Hall, em 1951 foi estudar literatura em Oxford, tendo acabado por residir e trabalhar no Reino Unido, país onde, se destacou, fecundamente enquanto acadêmico, como sociólogo e teórico pioneiro no campo dos Estudos Culturais. Desde então, não voltou mais a morar na terra natal, Jamaica (SOVIK, 2002, p.10, apud, HALL, 2011).

Ele “ assumiu os Estudos Culturais como projeto institucional na Open University, e continuou, periodicamente, a se pronunciar sobre os rumos de algo que se tornou um movimento acadêmico-intelectual internacional” (SOVIK, 2002, p.21, apud, HALL, 2011).

Stuart Hall escreve não como jamaicano na Jamaica, mas sim, como jamaicano vivendo na diáspora. Esse é o pano-de-fundo para entender o lugar a partir do qual ele fala. Por ser migrante na Grã-Bretanha, vive no que ele considerava “ a condição arquetípica da modernidade tardia”. Sendo assim, ele escreve a partir da diáspora pós-colonial, de um engajamento com o marxismo e o debate teórico sobre cultura, e de uma visão de cultura impregnada pelos meios de comunicação. À semelhança de Chinua Achebe, Stuart Hall, também é um crítico de relações de poderes centralizadas, e certamente, o caminho que ele propõe é pensar e “ deslocar as disposições do poder” no interior das sociedades pós-coloniais, e democratizá-las (2011).

Ella Habiba Shohat

Nasceu em 1959 em Bagdad, numa família de judeus árabes. À semelhança de Stuart Hall e

Chinua Achebe, Ella Shohat é também professora na New York University, na área de Estudos Culturais. Dentro dos Estudos Culturais, apenas para citar de forma breve e concisa, a autora trata de temas como: Orientalismo, Eurocentrismo, o Pós-colonial e estudos transnacionais. A respeito do Pós-Colonial, ela trata de forma extensa no artigo “*Notes on the pos-Colonial*”, 1992.

No que tange ao Eurocentrismo, o tema é tratado em várias obras dela, como é na, “*Critica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*”, 2006. Por exemplo, na obra “*Unthinking Eurocentrism. Multiculturalism and the Media*. New York: Routledge, 1997”, um dos temas que ela e Stam tratam criticamente é a respeito dos estereótipos, realismo e a luta diante da representação de outros grupos étnicos na mídia. Em suma, ela mostra como certos filmes, sociologicamente falsos, racistas e ideologicamente perniciosos, tais como “*Birth of a Nation* (1915)” podem perpetuar distorções, estereótipos e legitimar padrões estéticos eurocêntricos nas relações multiculturais e como consequência preparar um terreno para políticas sociais retrogradadas (SHOHAT,1997, pp.177-178).

Ao tratar desta temática, Shohat e Stam estão “apoiados no conhecimento consistente dos discursos e imagens criadas ao longo do século XX, quando o cinema foi um meio de comunicação muito popular” (HINKEL, 2011, p. 157). Tudo indica que, a partir dos anos 1980 ela tem desenvolvido estudos críticos nos estudos sobre Judeus Arabes no contexto de Israel e Palestina. Ela se destaca também nas suas pesquisas ao fazer uma ponte nos seus estudos entre o Médio Oriente e a América Latina, como se pode ver no artigo intitulado: “*Between the Middle East and the Americas: The cultural Politics of Diaspora*” 2013.

Chinua Achebe

Chinua Achebe foi um Escritor nigeriano, nasceu em 1930 e faleceu, recentemente, em 2013. Foi um crítico de relações internas de poderes no seio de sua própria sociedade natal, e que, no entanto, tal crítica transcende a dimensão local e nacional, podendo ser lida em universos mais abrangentes. Sendo a voz crítica de sua própria sociedade, e tal crítica marca suas obras, começou a ter problemas políticos dentro do seu próprio país e, conseqüentemente, acabou se exilando nos EUA, como professor e escritor. Foi um dos mais importantes nomes da literatura africana e da literatura mundial (BURNESSE, 2008, p. 7).

Things Fall Apart é a primeira obra dele, escrita em 1958, quando ele tinha apenas 28 anos. Segundo Burness, nesta obra o autor “critica a visão que o ocidente tem dos africanos, como são representados na literatura europeia” (BURNESSE, 2008, p. 7). Depois de *Things Fall Apart* (1958), o autor publicou, *Arrow of God* (1964), *A Man of the People* (1966), *No Longer at Ease* (1970), *Beware Soul-Brother and other poems* (1971), *Anthills of the Savannah* (1987) e mais outras (BURNESSE, 2008, p. 8).

Em 2002 recebeu na Feira de Frankfurt o Premio da Paz atribuído pela Associação dos Livreiros Alemães. Em 2008, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa deu um tributo ao autor em homenagem ao quinquagésimo aniversário de sua primeira obra, intitulado: *Chinua Achebe: A Tribute – 50th Anniversary of Things Fall Apart* (BURNESSE, 2008, p. 8).

O PONTO DE PARTIDA CRONOLÓGICO DA REFLEXÃO DE ELLA SHOHAT

O ponto de partida cronológico da reflexão de Ella Shohat é a Guerra do Golfo. Ela mostra que houve uma oposição de acadêmicos em relação à Guerra do Golfo e, como consequência de tal oposição, houve uma grande mobilização e debates que suscitaram uma série de termos como: Imperialismo, Neocolonialismo, Neoimperialismo, termos esses contra essa nova ordem do mundo. No entanto, algo estava fora deste debate, era o termo Pós-Colonial, mesmo no discurso de seus proeminentes defensores. Já que o termo Pós-colonial estava ausente no debate, Shohat questiona: Como podemos traçar o significado do termo Pós-colonial? (SHOHAT, 1992, p. 99).

Para a discussão, Ella Shohat parte de um ponto de vista particular, isto é: como uma acadêmica árabe-judia, cujas topografias culturais são deslocadas em Iraque/Palestina e EUA. É a partir dessa base que ela se propõe a explorar, aprofundar algumas ambiguidades teóricas e políticas do termo Pós-colonial. Apesar de uma vertiginosa multiplicidade de posições, a Teoria Pós-Colonial não tem dado enfoque na política de localização do termo “Pós-Colonial”. O termo apresenta ambiguidades teóricas de espaço e tempo (SHOHAT, 1992, p. 99).

Sendo assim, a intenção de Shohat não é de anatomizar sistematicamente o termo Pós-Colonial, mas situá-lo de forma, geográfica, histórica e institucionalmente levantando dúvidas sobre sua agência política. A questão que está em jogo é justamente saber, quais perspectivas que estão sendo desenhadas no “Pós-Colonial?” Para que propósito e com que deslizes? Nesta discussão o

ponto de Shohat, não é de examinar a variedade de escritos provocativos feitos ou fundados debaixo da Teoria Pós-Colonial, nem tão pouco, para essencializar o termo “Pós-Colonial”. Mas sim, o que ela pretende é revelar seu significado político obscuro, que ocasionalmente escapa à clareza oposta das intenções de seus teóricos (SHOHAT, 1992, p. 100).

Devido a essa falta de clareza, às ambiguidades teóricas e políticas do tema, Hall começa a discussão em seu texto, não apenas levantando vários questionamentos, mas também se propõe a explorá-los: quando foi o pós-colonial? O que deveria ser incluído e excluído dos seus limites? Onde se encontra a fronteira invisível que separa o pós-colonial do colonialismo, neocolonialismo, Terceiro mundo, Imperialismo? (HALL, 2011, p. 95).

Para Shohat, o termo Pós-Colonial não emergiu para preencher um espaço vazio na linguagem de análises político-culturais. Pelo contrario, sua larga adaptação nos finais dos anos oitenta coincidiu com o eclipse do antigo paradigma, o do “Terceiro Mundo”. A mudança terminológica indica o prestígio profissional e o aspecto teórico que os assuntos têm adquirido em contraste com o aspecto mais ativista protagonizado pelo termo “Terceiro Mundo” dentro de círculos acadêmicos progressistas (SHOHAT, 1992, p. 100).

Devido ao prefixo “Pós”, para Hall, à prior, o termo Pós-colonial parece sugerir um período depois do colonial. No período colonial havia a divisão binária entre colonizados e colonizadores. Hall coloca outro questionamento: “por que o pós-colonial é também um tempo de diferença? Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia?” (HALL, 2011, p. 95).

Para um mergulho profundo nas questões que o pós-colonial levanta, é necessário antes que se saiba e se tenha um entendimento a respeito do significado do termo “pós-colonial” as razões que o fortaleceram, ou como diz Hall, “as razões que o fizeram portador de tantos e tão poderosos investimentos inconscientes” o que representa um signo de desejo para alguns e para outros sinal de perigo (HALL, 2011, p. 95).

De onde vem o atual, crescente, entusiasmo pelo termo Pós-colonial? Segundo Shohat, esse entusiasmo tem a sua origem na crise das formas de pensar o Terceiro Mundo. É esta crise nas formas de pensar o “Terceiro Mundo” que ajuda a explicar o atual entusiasmo pelo termo “Pós-Colonial”, que é uma nova designação para o discurso crítico que tematiza assuntos que surgiram das relações coloniais e depois cobrindo um longo período histórico incluindo o presente

(SHOHAT, 1992, p. 101).

Ashcroft e outros autores da seminal obra, *The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, buscam inicialmente esclarecer a base semântica do termo, pois, posto como ele está, pode conduzir a um equívoco. Neles, certamente a ambiguidade espaço temporal aparece, quase que, sanada ao desvelarem a abrangência do termo. Os autores entendem perfeitamente que a base semântica do termo pós-colonial pode parecer e estar sugerindo ou apontando para a cultura nacional depois da saída do poder imperial. Inclusive, em algumas obras o termo fora usado para diferenciar os períodos antes e depois das independências (ASHCROFT, 2004, p. 1).

Para sanar o equívoco, os autores logo de início se posicionam quanto à semântica do termo e a forma como está por eles sendo usado. “Nós usamos o termo pós-colonial para incluir todas as culturas afetadas pelo processo imperial a partir do momento do contato com a colonização até aos dias atuais. Isso por que existe uma continuidade de preocupações ao longo do processo iniciado pela agressão imperial europeia” (ASHCROFT, 2004, p. 2).

Para Ashcroft o termo é apropriado para a crítica metacultural que tem emergido nos anos recentes para o discurso através do qual é constituído. Neste sentido a obra, *The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, está interessada com o mundo que existe durante e depois do período da dominação imperial europeia e os efeitos desta nas literaturas contemporâneas (ASHCROFT, 2004, p. 2). Nesta visão, o termo ganha uma abrangência transcultural e transnacional. De acordo com Ashcroft, “as literaturas dos países africanos, da Austrália, Bangladesh, Canadá, Países Caribenhos, Índia, Malásia, Malta, Nova Zelândia, Paquistão, Singapura, Países das Ilhas do sul do Pacífico e Sri Lanka todas são literaturas pós-coloniais. A literatura dos USA deve igualmente entrar nessa categoria” (2004, p. 2).

Tirando o sufixo “ismo” do “Pos Colonialismo” o adjetivo “pós-colonial” é frequentemente ligado, anexado ao substantivo significando *teoria, espaço, condição intelectual*. Quando é substituído pelo adjetivo *Terceiro Mundo*, por contraste, frequentemente acompanhando o substantivo, ele tem o sentido de *nações, países e pessoas*. Mais recentemente o “Pós-Colonial” foi transformado em substantivo usado tanto no singular, assim como no plural (Poscoloniais), designando, desta forma, os sujeitos da condição Pós colonial. A consagração final do termo veio com a eliminação do hífen (SHOHAT, 1992, p. 101).

A AMBIGUIDADE POLÍTICA E ESPAÇO-TEMPORAL DO TERMO “PÓS”

Shohat mostra que, as tensões, não articuladas entre as teleologias filosóficas e históricas no Pós-Colonial, marcam algumas das ambiguidades conceituais do termo “Pos”. Desde que o “pós” no “Pós-Colonial” sugere “um depois” do colonialismo, o termo está imbuído de uma ambiguidade espaço-temporal espalhada desde a Índia até ao contexto acadêmico Anglo-Americano. Neste sentido, o “Pós-Colonial” tende a ser associado com os países do Terceiro Mundo que ganharam suas independências depois da Segunda Guerra Mundial. O termo refere-se também as circunstâncias da diáspora do Terceiro Mundo das últimas quatro décadas, desde o exílio forçado até a imigração voluntária dentro das metrópoles do Primeiro Mundo (SHOHAT, 1992, p. 102).

Ella Shohat citada por Hall mostra uma série de incongruências que o termo pós-colonial acarreta devido à sua elasticidade. O termo implica uma série de erros conceituais; é ambíguo em termos teóricos e políticos; tem uma multiplicidade de posições vertiginosas; tende a se pautar por deslocamentos universalizantes e anistóricos com implicações despolitizantes (SHOHAT, 1992. Apud. HALL, 2011, p. 96).

Por exemplo, no que diz respeito a esta dimensão universalizante, o termo se alarga mais abarcando territórios outrora colonizados. De acordo com Shohat, em alguns textos Pós-coloniais, como, *The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, o autor alarga o termo “Pós-Colonial” para incluir toda a produção literária inglesa de sociedades afetadas pelo colonialismo.² Assim, entra nesse “guarda-chuva” pós-colonial uma imensidade de literaturas de vários países.³ Todas elas tem algo em comum, apesar das distintas características regionais, no entanto, surgiram da experiência e confrontação com o poderio da colonização. Este é o ponto que faz com que elas sejam pós-coloniais (SHOHAT, 1992, p. 102). A partir daqui já se pode ver a elasticidade da noção “pós-colonial” que confronta a periodização. Em termos políticos, o termo

2 É preciso ter em conta que a obra *The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, foi escrita para o contexto dos países de colonização britânica, no entanto muito do que é nela tratado serve igualmente para países colonizados por outros poderes europeus, como a França, Portugal e Espanha (Ashcroft, 2004:1).

3 Como é o caso da literatura dos países africanos, Índia, Malásia, Austrália, Bangladesh, Canadá, países Caribenhos, Malta, Nova Zelândia, Paquistão, Singapura, Países das Ilhas do Sul do Pacífico e Sri Lanka. São todos de literatura Pós-Colonial. Inclusive a literatura dos EUA entra nessa categoria (SHOHAT, 1992, p. 102).

pós-colonial carrega uma ambivalência muito grande, pois,

obscurece as distinções nítidas entre colonizadores e colonizados até aqui associadas aos paradigmas do colonialismo, do neocolonialismo e do terceiro mundismo que ele pretende suplantare. Dissolve a política de resistência, uma vez que não propõe uma dominação clara, nem tão pouco demanda uma clara oposição. Como outros “pós” com os quais se alinha, o pós-colonial funde histórias, temporalidades e formações raciais distintas em uma mesma categoria universalizante (HALL, 2011, p. 96).

Hall mostra que, tanto Shohat assim como McClintock usam o conceito para marcar o fechamento final de um período histórico, como se o colonialismo e seus efeitos tivessem terminado de uma vez por todas. O “pós” para Shohat significa passado: algo definitivamente concluído e fechado. Para Shohat esse é um dos pontos da ambiguidade do conceito, pois ele não esclarece se essa periodização é epistemológica ou cronológica (SHOHAT, 1992. Apud. HALL, 2011, p. 96). Talvez seja por causa dessa elasticidade que Shohat tenha optado por balizar a reflexão a partir da Guerra do Golfo.

Para Arif Dirlik (1994), citado por Hall, o conceito “pós-colonial” é uma celebração do fim do colonialismo. No entanto, Arif acrescenta mais duas críticas. Na primeira, ele postula que o pós-colonialismo é um discurso pós-estruturalista e pós-fundacionista usado por intelectuais deslocados do Terceiro Mundo, que estão prosperando em universidades americanas prestigiosas, do “Ivy League”.⁴ Eles estão utilizando da linguagem em voga da virada linguística e cultural com a finalidade de reformular o marxismo, remetendo-o a outra linguagem do Primeiro Mundo, com pretensões universalístico-epistemológicas (Arif, citado por HALL, 2011, p. 97).

O segundo argumento de Arif é de que o “pós-colonial” menospreza de forma grosseira a estruturação capitalista do mundo moderno. Mais ainda, sua noção de identidade é discursiva e não estrutural. Repudia a estrutura e a totalidade. O discurso pós-colonial é um culturalismo (Arif, citado por HALL, 2011, p. 97).

4 A Ivy League é um grupo formado por oito universidades mais prestigiadas dos EUA: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Pensilvânia e Yale. <http://www.estudarfora.org.br/conheca-as-8-universidades-que-formam-a-ivy-league/>. Acesso em: 03/05/2015, 11h.39mn.

Hall chama atenção para o uso indevido do termo e para certas posturas de críticos quanto à aplicação do termo pós-colonial. Por exemplo, segundo Hall, alguns críticos jamais reconheceriam o pós-colonial nas colônias brancas, mas sim nas colonizadas, sendo estas não ocidentais. Outros críticos se recusariam a atribuir o termo às sociedades colonizadoras da metrópole, restringindo o seu uso para se referir às colônias da periferia. Hall mostra que isso é confundir categorias, uma categoria descritiva com uma categoria avaliativa (HALL, 2011, p. 101).

Por exemplo, diante das invasões Bárbaras que se verificaram na Europa, de povos vindos do norte no século IV, nomeadamente, os povos germânicos, os Hunos, Visigodos, etc, será que podemos falar que a colonização foi um fenômeno que apenas afetou os ditos países do Terceiro Mundo? A Europa não foi também colonizada? Qual é o lugar da Europa no discurso pós colonial? Faz sentido questioná-la ou ela goza de um estatuto inquestionável?

Hall mostra que “o conceito pode nos ajudar a descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização. O segundo aspecto que ele pontua é que, o pós-colonial enquanto conceito pode ser útil na identificação das novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura (HALL, 2011, p. 101).

Para Hulme, citado por Hall, se pós-colonial é uma palavra útil que se refere a um processo de desvinculação da síndrome colonial como um todo, então o pós-colonial é ou deveria ser, não um termo avaliativo, mas sim um termo descritivo (HULME, 1995. Apud. HALL, 2011, p. 101). Hall mostra que a idéia de Hulme “nos ajuda a identificar não apenas o nível em que as distinções cuidadosas devem ser feitas, mas também o nível em que o “pós-colonial” se torna adequadamente “universalizante”, ou seja, trata-se de um conceito que se refere a um alto nível de abstração” (HALL, 2011, p. 101).

Portanto, o termo pós-colonial, para Hall, ele refere-se ao Processo Geral de descolonização que, assim como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas de formas muito distintas. Daí surge a subversão do antigo binarismo colonizador/colonizado nessa nova conjuntura (HALL, 2011, p. 101).

Mata, no seu artigo intitulado, “O Pós-Colonial como Ideologia: Os estudos literários e a ordem eurocêntrica” trabalha os dois conceitos, pós-colonial e ideologia. Ela busca a noção de ideologia em Jameson que a define como sendo uma “estrutura de representações que permite ao

sujeito individual conceber ou imaginar sua relação vivida com realidades transpessoais, tais como a estrutura social, ou a lógica coletiva da História” (JAMESON, 1992, p. 27, apud, MATA, 2012, p. 45).

Segundo Mata, esta categoria, isto é, a ideologia, que funciona como uma disposição obsidante na tessitura da questão identitária, “é um sistema de valores morais, éticos, sociais, culturais e até espirituais, sistema que condiciona a relação de uma comunidade com o mundo e de que se serve o homem para justificar e interpretar a sua situação e a sua ação na história” (2012, p. 45). Mata mostra ainda que, tanto para Jameson assim como para Prévost a ideologia vai muito mais além do que foi afirmado acima. Claude Prévost, citado por Mata, vai mais longe na definição mostrando que,

uma ideologia não é somente um sistema de ideias mas também um conjunto estruturado de imagens, de representações, de mitos, determinando certos tipos de comportamentos, de práticas, de hábitos e funcionando como um verdadeiro inconsciente (PRÉVOST, 1976, pp. 171-172, apud, MATA, 2012, p. 45).

Fredric Jameson fala diretamente do “inconsciente político”, na sua obra: *The Political Unconscious. Narrative as a Socially Symbolic Act* (1981). De acordo com Mata, “inconsciente é, na verdade, como se pode caracterizar o gesto de naturalização da subalternidade, da exclusão e do estatuto periférico (...)” (2012, p. 45). O segundo pilar de reflexão da Mata é a noção de pós-colonial. Para ela a noção remonta os anos 70 e só adquire substância conceitual a partir dos anos 80, no mundo anglo-saxônico com a obra “*The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures, 1989*”, título que resultou de uma frase de Salman Rushdie: “I am a British writer. The Empire writes Back to the Center”. Tudo indica que este foi um dos primeiros livros na área de estudos de Literatura Pós-colonial,⁵ e Mata faz ver que, “não se pode dizer que exista uma teoria pós-colonial” (2012, p. 45).

Em todo o caso, vale dizer que, o que parece aproximar as várias percepções, perspectivas e insights deste campo de estudos é a construção de epistemologias que apontam para outros paradigmas metodológicos – que potenciam outras formas de racionalidade, racionalidades alternativas, outras epistemologias do Sul, por

5 “Livro seminal que está na origem da abertura a um campo de investigação, hoje em retração pelo questionamento que se vem fazendo aos atalhos epistemológicos a que pode conduzir” (MATA, 2012, p. 45).

exemplo – diferentes dos paradigmas “clássicos” na análise cultural e literária. Decorre desta reflexão a consideração de que porventura a mais importante mudança a assinalar é a atenção à análise das relações de poder, nas diversas áreas da atividade social caracterizada pela diferença: étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual (MATA, 2012, pp. 45-46).

Para Mata, o que os destinadores das teorias pós-coloniais pretendem é que tais teorias funcionem, igualmente, como um “instrumento de análise de relações de hegemonia e de desvelamento da colonialidade do saber, segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como o eurocentrismo” (2012, p. 46). Assim, discutir *o pós-colonial como ideologia*, segundo Mata, não é nada mais do que, “desvelar trópicos do discurso epistemológico cujos paradigmas são eurocêntricos, formular uma crítica que não omite as suas tensões e contradições e ajuda a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação, ou seja, é percorrer os trilhos que levam a uma geocrítica do eurocentrismo” (MATA, 2012, p. 47).

Dado que, “o discurso eurocêntrico tem um substrato ideológico comum ao discurso colonialista, imperialista e racista, hoje a questão do eurocentrismo põe-se nos Estudos Pós-coloniais porque a área requer a necessidade de descolonização teórica” (MATA, 2012, p. 49). Wa Thiong’o, apesar de estar discutindo o cinema africano, não poupa crítica no que tange a hegemonia eurocêntrica em vários domínios. Segundo ele, “a descolonização não pode ser parcial, ela deve ser total para todos os setores da população e em todos os níveis” (2007, pp. 30-31).

A CONTRIBUIÇÃO DO TERMO PÓS-COLONIAL E A DIMENSÃO CRÍTICA DAS LUTAS ANTICOLONIAIS

Para Hall, uma das contribuições do termo “pós-colonial” é o dado que ele trás de que “a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais, pelo contrario, sempre esteve inscrita nelas, da mesma forma como se tornou indelevelmente inscrita nas culturas dos colonizados” (HALL, 2011, p. 102).

É por isso, que, diante das invasões nórdicas, nos questionamos: qual é o lugar do ocidente europeu no discurso pós-colonial? Como é que o ocidente europeu se projeta a si mesmo diante da avalanche dos povos bárbaros que ali se fizeram presente? Em termos de colonização, é ou não é o

ocidente um espaço colonizado? Caso seja, cabe no bojo do discurso pós-colonial? Será que o discurso pós-colonial não vem, de certa forma, para também questionar a hegemonia euro-ocidental?

No tocante à dimensão crítica das lutas anticoloniais, a colonização, sendo um processo, seus efeitos negativos, que foram inúmeros, forneceram os fundamentos da mobilização política anticolonial, tendo resultado no esforço de retornar a um conjunto alternativo de origens culturais não contaminadas pela experiência colonial. Hall mostra que essa é a dimensão crítica apontada por Ella Shohat (HALL, 2011, p. 102).

Por exemplo, uma das dimensões críticas das lutas anticoloniais, no contexto dos países de colonização portuguesa, podemos encontrá-la no campo da literatura. Dentro dela a poesia exerceu uma função política de repúdio à Situação Colonial e reivindicação de autonomia política, em meio a contatos interculturais marcados por relações objetificantes, pautadas pelo binarismo superior *versus* inferior, sujeito *versus* objeto produzidos pela própria Situação Colonial.

A relação entre poesia e política, ou seja, o recurso à poesia como instrumento de resistência e reivindicação política, e falo concretamente para o contexto africano, ela sempre existiu desde que a África começou a ter contato com o ocidente, no contexto da situação colonial. Hoje são testemunhas dessa relação alguns cantos, que vem sendo transmitidos oralmente, de geração em geração em algumas regiões, onde os contatos interculturais foram intensos. Destacamos aqui o Vale do Zambeze como uma verdadeira zona de contatos interculturais, antes e durante a Situação Colonial.

Por exemplo, para os africanos do Vale do Zambeze, a poesia cantada, recitada e dançada fora utilizada como um dos recursos de resistência e de repúdio à situação colonial. Esse recurso, jamais fora pensado e imaginado pelos administradores coloniais em tal situação de contatos com os africanos do Vale do Zambeze (Maia,2015:93). Veja-se por exemplo a seguinte poesia, que é um canto nupcial que nos remete ao período de contato com a situação colonial, que no entanto, fora utilizado como um dos recurso de resistência. Quando afirmamos que a poesia fora utilizada como um dos recurso de resistência, queremos deixar clara a ideia de que houve vários outros recursos.

Sankhule madende (escolher as virgens)
Tisankhule, Éa é (Vamos escolher, É a é)
Tisankhule, (Vamos escolher,)
Sankhule madende. Ref. (2x; 4x ou 5x) (Vamos escolher as virgens. 2,4, ou 5x)

- 1) **Wakula mwana/ Ea é** (cresceu a criança / Ea é)
Wakula mwana/ Sankhula madende. (cresceu a criança/ escolha as virgens).
2. **Azungumwe,/Ea é** (Branços vocês / Ea é)
Azungumwe/Sankhula madende. (Branços vocês / escolha as virgens).
- 3) **Ndokoni kwanu,/ Ea é** (Voltem para vossa terra / Ea é)
Ndokoni kwanu/ Sankhula madende. (Voltem para vossa terra / escolha as virgens)
(MAIA, 2015, pp. 104-105).

Nos versos, misturam-se, não só o tema nupcial, mas também aparece velado um grito de resistência contra a Situação Colonial, clara evidencia binária, como se pode ver no primeiro verso da segunda estrofe. Um verso que é um autêntico *grito* de repúdio e contestação. No imaginário da administração colonial, acostumada a combater formas anticoloniais de resistências e confrontos abertos (ISAACMAN, 1979, p. 169), certamente, jamais pensaram na capacidade, astúcia e sabedoria africana de recorrer à literatura oral, e nela à poesia e ao canto, como, apenas uma das formas ludibriantes para resistir localmente. A resistência aparece nas entrelinhas e em meio ao lúdico. Percebê-la podia quem conhecia a língua local. No entanto, como a própria situação colonial estava imbuída binariamente e mais interessada na desvalorização, seja das culturas, línguas e modos de vida africanos, mais do que na valorização dos mesmos, muitas formas de resistências africanas passaram-lhes despercebidos.

Neste sentido, quando chegamos à poesia de, por exemplo, Noemia de Sousa, José Craverinha, no caso Moçambicano, ou de Mario de Andrade e Viriato da Cruz no caso de Angola, só para citar alguns exemplos, entre tantos que poderíamos trazer aqui, nós estamos aí diante de uma consciência, não apenas nacional, mas também continental de resistência contra a situação colonial que recorre à poesia, não mais oral, mas escrita, como “arma política”, um instrumento de resistência (Ferreira, 1975:13). Mas esse processo, sua gênese é bem anterior ao alvorecer do nacionalismo. Veja-se por exemplo o Grito negro de José Craverinha:

Grito negro

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
E fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
Para te servir eternamente como força motriz

Mas eternamente, não, patrão.

No poema aparecem nitidamente os binarismos, característica típica dos literatas dessa época. Assim, “as lutas políticas e militares das colônias portuguesas tiveram os seus prenúncios muito antes de 1961, através da literatura e em especial da poesia, que foi utilizada como eficiente arma política ao serviço da total emancipação dos povos africanos de expressão portuguesa” (FERREIRA, 1975, p. 13). Não admira então, que foi através da luta cultural que foi cimentado todo o programa político de atuação dos guerrilheiros da África portuguesa que se iniciaria em 1961.

Em Angola, Mario de Andrade, Viriato da Cruz e Agostinho Neto apareceram a chefiar o M.P.L.A.; em Moçambique, Samora Machel, Marcelino dos Santos, José Craverinha e Jorge Rebelo encontram-se ligados à FRELIMO; Amílcar Cabral e Mario da Fonseca surgem integrados no P.A.I.G.C.. Enfim, todos os militantes dos chamados grupos guerrilheiros nas colônias portuguesas, antes da sua luta armada, iniciaram esse combate através da poesia, e a poesia, é ainda e sempre uma arma, como diz e canta Neruda (FERREIRA, 1975, p. 14).

Portanto, nestes exemplos vemos a nítida relação entre poesia e política onde o binarismo é inevitável e aparece o tempo todo. Uma das grandes contribuições dos estudos Pós-Coloniais está justamente, não apenas em mostrar a relação entre literatura e política, mas também, busca superar o binarismo colonizador *versus* colonizado, desvelando temas problemáticos no interior de sociedades colonizadas fruto de relações desiguais, sejam eles de gênero, orientação sexual, origem social ou relações pautadas na base epidérmica. Em suma, os estudos Pós-Coloniais, via literatura, tocam num manto temático de relações de poderes a serem desvelados e apontando como caminho o Des-centramento e a construção de relações mais igualitárias e inclusivas no seio das várias sociedades.

MUDANÇA DE CIRCUNSTÂNCIAS

Hall chama atenção para o ponto em que, se antes havia as lutas binárias anticoloniais, colonizado/colonizador, hoje essas lutas não podem mais ser representadas dentro dessa estrutura binária. Esse é um movimento que ele descreve como sendo,

um movimento que parte de uma concepção de diferença para outra, de diferença para *difference*, e essa mudança é precisamente o que a transição em série ou titubeante para o “pós-colonial” designa. Mas não se trata apenas de não designá-la em termos de um antes” e um “agora”. Ele nos obriga a reler os binarismos como formas de transculturação, de tradução cultural, destinadas a perturbar para sempre os binarismos culturais do tipo aqui/lá (HALL, 2011, p. 102).

Hall mostra ainda que, é precisamente nessa dupla inscrição, esse *aqui/lá*, ou seja, metrópole/colônia, que “rompe com as demarcações claras que separam o *dentro/fora* (Primeiro Mundo/Terceiro Mundo) do sistema colonial, sobre as quais as histórias do imperialismo floresceram por tanto tempo, que o conceito de “pós-colonial” traz à tona” (HALL, 2011, p. 102).

O QUE É O PÓS-COLONIAL ENTÃO?

Para Hall, o termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Pelo contrario, o termo pós-colonial reveste-se de uma transcendência, isto é, ele faz uma releitura da colonização como parte de um Processo Global, essencialmente com um caráter *transnacional* e *transcultural*, e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou global⁶ daquilo que são as grandes narrativas imperiais do passado centradas na nação (HALL, 2011, p. 102).

Um segundo aspecto é a dimensão teórica do termo pós-colonial. O valor teórico do conceito incide diretamente sobre a sua recusa de uma perspectiva dualista do tipo *aqui e lá*, de um *então e agora*, de uma perspectiva como *em casa e no estrangeiro*. Assim, Mani e Frankenberg citados por Hall, mostram que, tanto o colonialismo assim como o pós-colonial dizem respeito às formas distintas de encenar os encontros entre as sociedades colonizadoras e seus outros, embora, nem sempre da mesma forma ou no mesmo grau (HALL, 2011, p. 103). Resulta daí a atenção que os autores estão chamando sobre a análise do conceito e, sobretudo em termos cronológicos e geográficos. O pós-colonial não se aplica de forma igual a todos os países colonizados. Aqui está também aquilo que é a crítica de Ella Shohat, isto é, a temporalidade problemática do conceito pós-colonial (HALL, 2011, p. 103).

Para Shohat, o mundo vive hoje o período depois do colonialismo e sendo assim, o “Pós-

6 O autor chama atenção de que, Global no sentido que é usado aqui não significa universal, nem algo especificamente de uma nação ou sociedade. Trata-se pelo contrario, de como as relações transversais e laterais que Giroy denomina “diasporicas” complementam e ao mesmo tempo des-locam as noções de centro e periferia, e de como o global e o local reorganizam e moldam-se um ao outro (HALL, 2011, pp. 102-103).

Colonial” pode facilmente tornar-se uma categoria universal que neutraliza diferenças geopolíticas significantes entre países, já que todos vivem numa época Pós-Colonial. Isso pode acrescentar mais ambiguidade nos trabalhos acadêmicos (SHOHAT, 1992, p. 102).

Para Hall, o pós-colonial não é um período baseado em estágios ou épocas do tipo evolucionista, onde tudo é revertido ao mesmo tempo, onde todas as antigas relações desaparecem definitivamente e outras, completamente novas, aparecem para substituí-las. Hall mostra que o rompimento com o colonialismo foi um processo longo, prolongado e diferenciado geograficamente, onde os movimentos recentes do pós-guerra pela descolonização figuram como um momento distinto. Neste sentido, a colonização vem a ser sinal concreto de ocupação e controle colonial. Enquanto isso,

a transição para o pós-colonial é caracterizada pela independência do controle colonial direto e pela formação de novos Estados-Nação, por formas de desenvolvimento econômico dominadas pelo crescimento do capital e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento (HALL, 2011, p. 103).

Outra característica da transição para o período pós-colonial, e este é um aspecto que os autores, tanto Hall assim como Ella Shohat estão alertando, é que, o período pós colonial é fortemente marcado e caracterizado pela persistência de muitos aspetos, efeitos e traços da colonização. Um outro aspecto como consequência deste, é que o pós-colonial é caracterizado pelo deslocamento binário do eixo colonizador/colonizado a tal ponto que essa relação atingiu sua internalização na própria sociedade descolonizada (HALL, 2011, p. 103). Este ponto diz respeito à geografia das novas relações de poderes nas sociedades descolonizadas, muitas vezes tão absurdamente desiguais.

Desta forma, tanto Hall assim como Shohat, na teoria pós-colonial querem lembrar-nos que falar do pós-colonial não significa de forma alguma que o colonial tenha sido solapado ou concluído, pelo contrario, na configuração das novas relações de poderes nas nações colonizadas, o colonial sobrevive (política, cultural e economicamente) através de seus efeitos secundários (HALL, 2011, p. 104).

Sendo assim, uma reflexão sobre as relações internas de poder dentro das sociedades

colonizadas é pertinente. Neste sentido, fazendo uma tríade entre Hall, Shoat e Chinua Achebe, “O Mundo se despedaça” é um retrato exemplar, que se reveste de uma dimensão local, transcultural e transnacional encarnada em algumas personagens. Por exemplo, Unoka pai de Okonkwo, homem talentoso na música, porém gozava de uma indolência que nunca se importava com a administração da família, gastava todo o dinheiro que conseguia em bebidas e deixando a família na penúria. Como consequência morreu sem deixar se quer provisões para a família.

São exemplos igualmente, Okoye, vizinho de Onoka, que foi visitá-lo para cobrar a dívida (ACHEBE, 2009, p. 25). Okonkwo tinha medo de ser um homem fracassado como fora o Pai dele (ACHEBE, 2009, p. 33). Okonkwo alcança o poder e fez mau uso deste, tendo-se transformado num déspota. São retratos de personagens que transcendem a dimensão local retratada em, *O Mundo se despedaça*, e nos remetem para a esfera transcultural e o transnacional do comportamento humano presente nas dinâmicas sociais internas em todas as sociedades.

POR QUE PRIVILEGIAR O PÓS-COLONIAL, EM TERMOS DE REFLEXÃO?

Qual é a relevância desta reflexão? Não restam dúvidas que, a relevância do discurso pós-colonial tem a sua particular peculiaridade enquanto reflexão, como mostra Shohat, na medida em que, ele se distancia do discurso colonial produzido pelos colonizadores, seja na colônia assim como na metrópole e ganha sua manifestação na literatura (SHOHAT, 1992, p. 103). De acordo com Ashcroft, mais de três quartos da população mundial teve a sua vida moldada pela influência do colonialismo. Isso pode ser notado na esfera política e econômica. No entanto, a literatura oferece um dos caminhos mais importantes na qual essas percepções são expressas e é nos seus escritos, e através de outras artes tais como a pintura, esculturas, música e dança que a realidade quotidiana vivida pelas pessoas colonizadas tem profunda influência (ASHCROFT, 2004:1).

Portanto, a relevância do discurso Pós-Colonial, apesar da sua ambiguidade espaço temporal e do prefixo “pós” estar sugerindo à priori e aparentemente um “depois”, é que ele não se refere ao discurso colonialista depois do fim do colonialismo, como o fizeram os movimentos nacionalistas. Ele evoca aos escritos teóricos contemporâneos localizados seja no Primeiro assim como no Terceiro Mundo que tendem a transcender o presumível binarismo da militância do Terceiro mundo (SHOHAT, 1992, p. 103).

Para o contexto africano, a obra de Chinua Achebe, “O Mundo se despedaça”, trás o retrato de uma sociedade que apresenta para além do ideal de vida pautado pela comunhão e solidariedade que uma pessoa deve ter com o grupo e com os ancestrais, a obra apresenta igualmente as contradições internas e a inversão de valores nas relações de poderes. Chinua Achebe é um escritor africano atento e crítico nas relações internas de poderes e tal crítica marca as suas obras e segundo Burness, “são obras em que o autor vai cerzindo a dolorosa historia dos vários poderes internos, as relações de clientelismo, nepotismo, corrupção desenfreada, cleptomania que caracterizam o *modus operandi* do poder que saiu da independência, em 1960” (BURNESSE, 2008, p. 8).

Na obra, “O Mundo se despedaça”, como é que o jovem Okonkwo se relaciona com o poder que possui diante do grupo e dos deuses? Como é que Okonkwo se relaciona com as pessoas mais velhas, os vizinhos e com as suas mulheres? Okonkwo é no texto um homem que tem sede e necessidade de afirmar o seu poder em detrimento dos outros, não se importando da idade, gênero tão pouco com a expectativa social pautada por uma cosmovisão local africana onde a pessoa deve estar em comunhão harmoniosa com o grupo e com o plano transcendental.

Okonkwo sedento de autoafirmação faz mau uso do poder e se coloca acima de tudo e de todos, inclusive desrespeitando as pessoas mais velhas e a ordem divina. No contexto africano, as pessoas mais velhas são respeitadas e tidas como portadoras do saber local e por isso mesmo dignas de respeito. Segundo Hampâte Bâ, “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (2003). Enquanto de um lado temos a exaltação do valor das pessoas mais velhas, na obra Okonkwo, embriagado de poder, aparece quebrando esta visão, indo na contramão da ordem social estabelecida pela sua tradição e cultura.

- Ao se olhar para a boca de um rei – dizia um velho – poderíamos pensar que ele jamais mamou em peito de mãe. – Referia-se a Okonkwo, que tão rapidamente saíra de uma grande miséria e de um grande infortúnio para se tornar um dos senhores do clã. O velho não guardava ressentimento algum contra Okonkwo. Na verdade, respeitava-o por sua diligencia e seu êxito. Ficava chocado, como a maioria das pessoas com a brusquidão de Okonkwo ao lidar com os seus semelhantes menos bem-sucedidos. Havia apenas uma semana, um homem o contradissera durante uma reunião familiar, onde se discutia a próxima festividade em honra aos ancestrais. Sem olhar para o sujeito, Okonkwo declarara: - Esta é uma reunião de homens (ACHEBE, 2009, pp. 46-47).

A sede pela autoafirmação e a necessidade de impor o poder o tempo todo, transformam o

jovem Okonkwo num autoritário que usa o poder para humilhar, a tal ponto de mandar calar um homem mais velho chamando-o de mulher. Uma postura veementemente repudiada pela sua sociedade. O desrespeito é um contra-valor e vai contra as boas regras de convivência social. De acordo com Virton, “a cultura compreende a soma e estruturação de todo o saber, o «saber agir» e o «saber viver» do conjunto dos homens que vivem numa sociedade” (1966, p. 363). Mesmo sabendo que havia errado, Okonkwo na sua radical arrogância, achando-se acima de todos e de tudo, não foi capaz de reconhecer o erro. “Okonkwo replicou que sentia muito por ter dito o que dissera, e a reunião prosseguiu” (2009, pp. 46-47). Em Okonkwo não há diálogo, mas sim a imposição do poder e a primazia do seu pensamento.

Mas a arrogância de Okonkwo não pára por aí. Na Semana da Paz, que era supostamente o período de maior comunhão entre as pessoas, Okonkwo rompeu a harmonia tendo espancado a sua mulher mais nova, Ojiugo, porque esta tinha ido trançar os cabelos e demorara em chegar, e enquanto isso as crianças estavam se alimentando na casa da outra esposa dele. Por ter rompido a paz, foi punido por Ezeani, sacerdote da deusa da terra, Ani (2009, pp. 49-50). Disse Ezeani, quando a casa de Okonkwo chegou e quando este tentou fazer uso das boas maneiras, tentando oferecer algo de comer:

- tire daqui sua noz de cola! Não tenciono comer na casa de um homem que não respeita os deuses e os antepassados! (...). O mal que você fez pode arruinar todo o clã. A deusa da terra, a quem você ofendeu, poderá recusar-se a nos dar auxílio, e todos nós pereceremos. (...) – Você deverá levar, amanhã, ao santuário de Ani, uma cabra, uma galinha, uma peça de tecido e cem cauris (ACHEBE, 2009, p. 51).

Dada a gravidade do erro cometido por Okonkwo, um processo ritual de reparação e reconciliação com a ordem social estabelecida, tanto no plano transcendental assim como no plano horizontal, teria que ser feito no santuário da deusa da terra Ani com a devida matéria.

Por causa do poder que alcançara, e pelo abuso do mesmo, Okonkwo tinha acumulado fama de ser arrogante, orgulhoso, “não era homem que sáísse por aí a reconhecer o erro diante dos vizinhos. Por isso as pessoas comentaram que ele não respeitava os deuses do clã” (ACHEBE, 2009, p. 51). Uma quebra de harmonia na semana da paz, algo semelhante havia acontecido num passado remoto, que só as pessoas mais velhas que ali estavam se lembravam de terem ouvido. A memória dos mais velhos lembrava que, no passado, os infratores da semana da paz eram autuados

severamente e os castigos, a eles aplicados, eram duros e pesados. Ogbuefi Ezeudu conta que “a punição pelo rompimento da paz de Ani se tinha suavizado muito no clã” (ACHEBE, 2009, p. 51).

- Nem sempre foi assim – declarou. – Meu pai me contou terem lhe contado que, no passado, quem rompesse a paz era arrastado pelo chão da aldeia até morrer. Mas algum tempo depois esse costume se interrompeu porque, em última análise, quebrava a paz que era suposto preservar (ACHEBE, 2009, p. 51).

Tendo passado a semana da paz, a vida seguiu o ritmo normal, onde, “todos os homens e suas famílias começaram a limpar o mato para preparar as novas roças” (ACHEBE, 2009, p. 52). Na voz de Ogbuefi Ezeudu vê-se claramente que, tanto a cultura assim como regras de controle social não são estáticas, mas sim sujeitas a mudanças, fruto de influências exógenas e endógenas, ou como diz Balandier, “a dinâmica social aparece sob a sua dupla figura: dinâmicas de dentro e de fora. Isto não pode ser de outro modo, em razão dos efeitos internos da dependência colonial (...)” (1976: vi). Nem tudo muda no interior de uma sociedade, pelo que haverá sempre alguns elementos de continuidade preservados pela tradição em meio a rupturas. O respeito pelas pessoas, sejam elas mais velhas ou mais novas, independentemente de classe social ou diferenciação epidérmica, em nossa opinião, é algo contínuo, não muda, é um valor perene onde quer que seja.

Portanto, no campo da literatura, encontramos em, *O Mundo se Despedaça* de Chinua Achebe, não apenas formas gnômicas que compõem a sagesa tradicional como, *lavar as mãos* (2009, p. 28); *não assobiar a noite* (p. 29); *Um sapo não costuma correr durante o dia sem motivo* (p. 40); *Desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a pontaria, o pássaro aprendeu a voar sem pousar* (p. 42), mas também, perpassa em toda obra a visualização de relações internas de poder e suas multiplicidades. Estas relações, igualmente, interferem internamente na configuração não só do poder, mas também do gênero que é negociável nas identidades locais. Por exemplo, Okonkwo declara:

- “Esta é uma reunião de homens. O sujeito que o contradissera não possuía nenhum título. Por esse motivo, Okonkwo o chamara de mulher” (ACHEBE, 2009, p. 46).

Entre os Macua do norte de Moçambique, um homem que não tenha passado pelos ritos de iniciação, por mais que tenha acima de 40 anos, pode ser considerado criança e como consequência não terá poder de decisão na assembleia familiar. Quem não tem poder de decisão, também, pode

ser considerado mulher, em muitas sociedades africanas patrilineares, até hoje. Estes são apenas alguns exemplos por nós sugeridos para ilustrar a teoria pós-colonial que, de certa forma, nos impele a olharmos para as relações internas de poder no seio das sociedades colonizadas, e *O Mundo se Despedaça* de Chinua Achebe é uma obra de referencia.

Portanto, o discurso tanto de Hall assim como de Shohat encontram campo de análise na literatura, pois esta é aquela que trás o retrato social onde podem ser lidas e vistas as diferenças sociais e as configurações de poder, mesmo que de forma ficcional ou real. São exemplos disso, os dois poemas acima apresentados. A literatura tem esse papel de trazer o real na ficção. Hall tece seu argumento, também, na mesma linha do pensamento de Shohat, onde trás o dado de que, o pós colonial, com todas as suas ambiguidades, ajuda a pensar a configuração das questões do poder cultural e da luta política no interior do pós-colonial (HALL, 2011, p. 108). Mais ainda, o pós-colonial torna-se conceitualmente distinto do colonial na medida em que privilegia a dimensão ausente ou desvalorizada da narrativa oficial da própria colonização (HALL, 2011, p. 110).

Neste sentido, o Pós-Colonial também forma o lugar crítico por ir além das narrativas nacionalistas anticoloniais que colocam a Europa como um objeto de critica. Em termos teóricos, o Pós-Colonial vai em direção a uma análise discursiva e historiográfica tocando na descentralização das múltiplas relações de poder, (por exemplo, entre homens e mulheres colonizados, ou entre camponeses colonizados e a burguesia). O significado desse projeto intelectual repousa no contraste irônico do termo “Pós-Colonial” em si que linguisticamente reproduz, mais uma vez a centralidade da narrativa colonial (SHOHAT, 1992, p. 107).

Hall no começo da sua reflexão já sinaliza que o pós-colonial é um tempo de diferença e questionou que tipo de diferença seria essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia (HALL, 2011, p. 95). De acordo com Shohat, o que deve ser negociado no pós-colonial é a relação da diferença e certeza, ruptura e continuidade (SHOHAT, 1992, p. 104), visto que o pós-colonial não é homogêneo para todas as nações tidas como pós-coloniais. Volta aqui, de novo a ambiguidade temporal. Tanto Hall, assim como Shohat concordam que o termo Pós-Colonial carrega implicações de que o colonialismo é agora algo do passado, minimizando ou ignorando traços desformativos econômicos, políticos e culturais do colonialismo no presente (SHOHAT, 1992, p. 105).

Portanto, na visão de Shohat, o termo Pós-Colonial enquanto significado de uma nova época

histórica, comparado com o Neo-Colonialismo, o termo vem equipado com pouca referência das relações de poder contemporâneas. Falta-lhe um conteúdo político (SHOHAT, 1992, p. 105), ou seja, o pós-colonial pode esconder diferenças. Neste sentido, Shohat mostra que, as estruturas hegemônicas globais e os modelos conceituais gerados durante os quinhentos anos não podem ser vencidos na onda da vara mágica “Pós-Colonial” (SHOHAT, 1992, p. 105). Seria uma ilusão não levar em consideração as diferenças e desigualdades sociais que existem hoje nos países colonizados. Elas existem e são um facto.

PERIODIZAÇÃO

Hall mostra que, em termos de periodização o pós-colonial guarda uma ambiguidade, pois, além de ele identificar o momento posterior à descolonização como momento crítico para um deslocamento nas relações globais, o termo também oferece, como toda a periodização, uma outra narrativa alternativa onde destaca conjunturas-chave àquelas incrustadas na narrativa clássica da Modernidade (HALL, 2011, pp. 105-106).

Com isso, transcendendo o marco cronológico, Hall mostra que “o pós-colonial se refere à colonização como um processo mais do que um domínio direto de certas regiões do mundo pelas potências imperiais”. No entanto, ele mesmo coloca a sua posição onde diz, “creio que significa o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a face mais evidente, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia e, depois, ocidental, após 1492” (HALL, 2011, p. 106).

Um grande desafio da periodização do pós-colonial está na questão epistêmica. Hall mostra que, “é na reconstituição dos campos epistêmico e de poder/saber em torno das relações da globalização, através de suas diversas formas históricas, que a periodização do pós-colonial se torna realmente desafiadora”. Esse ponto, raramente aparece nas críticas, segundo o autor (HALL, 2011, p. 107). No entanto, o que podemos destacar é que, *Things Fall apart* ou a versão brasileira *O Mundo se despedaça* de Chinua Achebe, constitui um marco irrefutável da literatura pós-colonial. Quando a reflexão pós-colonial se aparta do discurso colonial e volta-se para as dinâmicas internas das nações colonizadas, *O Mundo se despedaça* mostra a configuração das relações de poder nas culturas. Assim, na obra, Okonkwo é o protótipo que transcende a dimensão local e assume o carácter transcultural e transnacional no campo das relações de poderes e de como este é exercido.

O SIGNIFICADO DO PÓS NO PÓS-COLONIAL

Para Shohat, citada por Hall, o “pós” sinaliza tanto o fechamento de um evento histórico ou era, assim como um ir além para comentar um certo movimento intelectual (Shohat. Apud, HALL, 2011, p. 110). Para Peter Hulme, citado por Hall, o “pós” no “pós-colonial” possui duas dimensões em tensão uma com a outra: a primeira dimensão é temporal, na qual há um relacionamento pontual no tempo entre uma colônia e um estado pós-colonial. A segunda dimensão é uma dimensão crítica onde uma teoria pós-colonial passa a existir através de uma crítica teórica (Hulme. Apud, HALL, 2011, p. 110).

O *pós-colonial* se distingue de todos os outros *pós* ao tentar ser epistêmico e cronológico. Sendo assim, o *pós-colonial* pretende superar o paradigma assim como o momento cronológico do *colonial* (Shohat. apud, HALL, 2011, p. 111). A tensão entre o epistemológico e o cronológico não é impeditiva, mas produtiva. Posterior significa o momento que sucede o outro, isto é, o colonial, no qual predomina a relação colonial. Aqui Hall, reafirma que, ao tratar da questão pós-colonial não quer dizer que os efeitos secundários do domínio colonial tenham sido suspensos. Também não significa que passamos de um regime de poder-saber para um fuso horário sem conflito e sem poder, mas sim, é preciso ver nas novas configurações emergentes de poder-saber que estão em relação e começam a exercer seus efeitos específicos (Hall, 2011, p. 112).

Shohat, finalizando o artigo dela, trás o tema do hibridismo e sincretismo na análise dos estudos pós-coloniais. Ela mostra que os dois temas chamam atenção para uma imbricação mútua do “centro e Periferias” das culturas. Hibridismo e sincretismo permitem negociação de múltiplas identidades e a posição dos sujeitos que resultam dos deslocamentos, imigrações e exílios sem controlar os limites das fronteiras de identidade pelas linhas originais e essencialistas (SHOHAT, 1992, p. 108). Hoje, assiste-se a um *Boom* do mercado religioso, seja nos grandes centros urbanos, seja nas periferias, onde o sincretismo é uma marca constante. Neste mercado, também as identidades são negociáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o pós-colonial, apesar de suas ambiguidades espaçotemporais, ela se

diferencia das ideologias nacionalistas. O foco das ideologias nacionalistas era um binarismo necessário, isto é, o combate ao colonialismo em vista da construção da Nação. Como consequência, nelas está ausente a discussão das relações internas de poder; não discute a questão do Gênero. Pauta-se pela relação binária.

Enquanto isso, o pós-colonial toma distancia do discurso colonial dualista vitimizante. Na contramão do discurso anticolonial, o pós colonial trás à tona o tema da configuração das novas relações de poder nos países colonizados enfatizando a repetição na diferença e a regeneração do colonialismo através de outros meios. Este é um aspecto nebuloso nele, pois, essas novas relações internas de poder podem ser ocultadas debaixo do *guarda-chuva* pós-colonial. Aqui repousa a crítica de Hall e Shohat, mostrando que o pós colonial é um tempo de diferenças e desigualdades, por que o fim do colonialismo não representou o fim das desigualdades, elas continuam, apenas mudaram seus donos e padrões.

Por exemplo, nos períodos pós independência as elites assumiram o poder e continuaram governando com um pensamento colonial. Assim, o que se verifica é que os sujeitos dominadores mudaram de lugar, mas as relações prevaleceram. Por isso que, o pós-colonial, enquanto método de análise trás o foco da discussão para um olhar, interno do próprio colonizado, onde há um mar de temas problemáticos.

A teoria pós-colonial, enquanto método de análise, tem se confrontado de forma significativa com contradições culturais internas, ambiguidades e ambivalências. Através de uma ênfase maior, ela leva em consideração as experiências de deslocamentos das populações do Terceiro Mundo nas metrópoles e centros. Desses deslocamentos resulta, por exemplo, o sincretismo cultural e religioso.

A língua é um dos temas importantes nos estudos pós-coloniais. A questão do gênero, raça, identidades linguísticas. Chinua Achebe, por exemplo, trás para a obra literária a valorização do mundo africano, claramente presente na sagesa, e nos nomes africanos que compõem a obra, incluindo o nome dele, que também é africano.

Os estudos pós-coloniais ajudam a pensar as relações entre literatura (poesia) e política. Neste ponto, podemos dizer que os estudos pós-coloniais quebram certos paradigmas canônicos de análise literária ao trazer a literatura para a arena política, mostrando que há uma inter-relação entre poesia e política e entre linguagem e poder. Neste sentido, na reflexão pós-colonial a literatura vem a ser um objeto privilegiado e um *locus* social e político, não só de análise das relações de poderes,

mas que, num lato horizonte, apela para a descentralização do mesmo e a construção de relações mais igualitárias e inclusivas. E por fim, o pós colonial questiona e trás a questão epistêmica para a sua discussão e de certa forma, cobrando a necessidade da descolonização não só da mente mas também teórica. Entendemos que, a reflexão, em torno dos estudos pós coloniais, emerge como uma recusa à naturalização binária, subalterna e conformista de relações de poderes e suas configurações desiguais, seja no campo cultural assim como no epistêmico. Desta forma, o conceito de “Pós-Colonial” não é tão simples quanto ele possa parecer, deve ser interrogado e contextualizado histórica, geográfica e culturalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. *O Mundo se Despedaça*. (Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. Introdução e glossário Alberto da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALSULTANY, Evelyn & SHOHAT, Ella, eds. *Between the Middle East and the Americas: The cultural Politics of Diaspora*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2013. Disponível em: https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=MxipVdTQHUYuq8wfnmIGQDw&gws_rd=ssl#q=Between+the+Middle+East+and+the+Americas:+The+cultural+Politics+of+Diaspora.pdf. Acesso em: 17/07/2015. 17h:09mn.

ASHCROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth and TIFFIN, Helen. *The Empire writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London and New York, 2nd edition: Taylor & Francis e-Library, 2004).

BÂ, Amadou Hampâte. *Amkoullel, o menino Fula*. São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2003.

BALANDIER, George. *As Dinâmicas Sociais. Sentido e Poder*. São Paulo e Rio de Janeiro: Difel, 1976.

BURNESS, Don; MATA, Inocência; HARTNACK, Vicky. *Chinua Achebe. A Tribute on the 50th Anniversary of Things Fall Apart*. Lisbon International Meeting, 6-8 March 2008. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. In: BURNESS, Don; MATA, Inocência; HARTNACK, Vicky. *When Things Came Together. Studies on Chinua Achebe*. Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa: Rolo & Filhos II, S.A., 2008.

EVELYN ALSULTANY & ELLA SHOHAT, eds., *Between the Middle East and the Americas: The Cultural Politics of Diaspora* (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2013).

https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=xkyxVa3KGYaq8we0vIOYAg&gws_rd=ssl#q=Between+the+Middle+East+and+the+Americas:+The+cultural+Politics+of+Diaspora%E2%80%9D+2013.+pdf. Acesso em:

16/07/2015. 18h:05mn.

FERREIRA, Serafim. *Resistencia Africana*. (Antologia poetica organizada por Serafim Ferreira). Lisboa:DIABRIL EDITORA, 1975.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HINKEL, Adriane. *Europa : o centro do Mundo?* Maringá. In: Acta Scientiarum. Language and Culture V. 33, n.1, p. 157-159, 2011. Disponível em:

https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=MxipVdTOHYuq8wfnmIGODw&gws_rd=ssl#q=HINKEL%2C+Adriane.+Europa+:+o+centro+do+Mundo.+pdf. Acesso em: 17/07/2015. 12h:02mn.

ISAACMAN, Allen F.. *A Tradição de Resistência em Moçambique. O vale do Zambeze, 1850-1921*. Porto: Afrontamento, 1979.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious.Narrative as a Socially Symbolic Act* (1981). Disponível em:

[https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=xkyxVa3KGYaq8we0vIOYAg&gws_rd=ssl#q=JAMESON%2C+Fredric.+The+Political+Unconscious.Narrative+as+a+Socially+Symbolic+Act+\(1981\).pdf](https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=xkyxVa3KGYaq8we0vIOYAg&gws_rd=ssl#q=JAMESON%2C+Fredric.+The+Political+Unconscious.Narrative+as+a+Socially+Symbolic+Act+(1981).pdf). Acesso em:23/07/2015. 17h:41mn.

MAIA, Antonio Alone. *Mudanças Socio-Culturais entre os Nyungwe do Vale do Zambeze: Resistencias, rupturas e continuidades na estrutura social*. (Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo – USP), 2015.

MATA, Inocência. *O Pós-Colonial como ideologia: Os estudos literários e a ordem eurocêntrica*. In: Colonial – post-colonial: writing as memory in literature (org. Fernando Gil Costa, Inocência Mata). Lisboa: Edições Colibri, 2012.

SHOHAT, Ella. *Notes on the post-Colonial*. In: Social text, No. 31/32, Third World and Post-Colonial issues. Published by: Duke University Press, 1992, PP.99-113.

SHOHAT, Ella, STAM, Rober. *Critica da imagem eurocentrica. Multiculturalismo e representação*. (Tradução de Marcos Soares). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SHOHAT, Ella, STAM, Rober. *Unthinking Eurocentrism. Multiculturalism and the Media*. New York: Routledge, 1997.

SOVIK, Liv. *Apresentação. Para ler Stuart Hall*. 2002. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIRTON, P.. *Os Dinamismos Sociais. Iniciação à Sociologia*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966.

WA THIONG'O, Ngugi. *A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa*

do cinema africano? In: MELEIRO, Alessandra (org.). Cinema no mundo, indústria, política e mercado: África. São Paulo: Escrituras Editora, Vol. I, 2007.